



PEQUENOS DITADORES

Os pais queriam apenas dar-lhes uma educação mais liberal. Hoje sentem-se acuados. Exigentes, desobedientes e mimados, seus filhos não sabem o significado da palavra limite

Na infância, eles aprenderam a ter bons modos, respeitar os horários da casa, nunca responder aos mais velhos. Jovens, se rebelaram contra a autoridade e adotaram um lema libertário: “É proibido proibir”. Agora, adultos, estão desorientados. Não conseguem impor o menor dos limites a seus filhos, pequenos ditadores que se recusam a escovar os dentes, exigem tênis importados, destroem objetos nas casas de parentes e amigos dos pais, só admitem se alimentar de salsichas e batatas fritas.

“O que fazer?”, perguntam, exaustos, esses pais “modernos”. Encontrar o equilíbrio entre o autoritarismo e a permissividade, respondem depressa os especialistas em educação. Mas isso não é fácil. Perdidos, os adultos ficam sem reação, impotentes, diante de situações que se repetem no dia-a-dia. E não é para menos. Os pequenos andam impossíveis. Rebeldias que costumavam aparecer na adolescência, viraram rotina na vida de crianças de 5 anos e até menos. Veja alguns casos:

A explosiva

Depois de ignorar a ordem dos pais para ir dormir, Mariana, 5 anos, jogou a mochila na cama e começou a socar nela algumas peças de roupa. Chocada, a arquiteta paranaense Márcia Passos Frishmann, 27 anos, mãe da menina, tentou conversar. “Saia daqui. Quem manda em mim sou eu”, ouviu da pequena. “Ela se faz de surda para qualquer proibição que a desagrade”, reclama Márcia. “Estou exausta. Não sei mais o que fazer”, desabafa.

O desobediente

“Marcel, vamos tomar banho”, disse pela quinta vez a escriturária gaúcha Nara Costa, 34 anos. “Não quero”, respondeu mais uma vez seu filho Marcel, 4 anos. No dia anterior, vencida pela exaustão, Nara acabou deixando o filho sem banho. Agora resolveu reagir: gritou, pegou forte no braço do garoto e arrastou-o para o chuveiro. Marcel chorou, esperneou, mas Nara não cedeu. “Me senti péssima e o pior é que não adiantou nada”, lamenta a mãe. “No dia seguinte aconteceu tudo de novo.”

A birrenta

Muito choro, gritos, um escândalo. E tudo nas dependências de um refinado shopping center. Foi assim que Haira, 5 anos, conseguiu dobrar as resistências da mãe, a contato de publicidade paulista Gilda Lario, 45, obrigando-a a comprar um par de sapatos duas vezes mais caro que os demais. A cena não era novidade para Gilda. “Ela vira uma onça quando não faço algo que deseja”, explica, desanimada.

A rebelde

Viagem marcada, malas prontas e Juliana, 9 anos, decide: “Não quero ir. Não vou”. Viagem cancelada, frustração para a família inteira. Motivo declarado: nenhum. Motivo intuído pela mãe, a assessora comercial paulista Ana Maria Roland Todescan, 30 anos: o seu primeiro namoro depois da separação do pai de Juliana. “Demorei para perceber o jogo”, revela Ana. “Quase terminei o namoro para reconquistar minha filha.” ➔



Abaixo a ditadura

Se você sente dificuldades para impor limites a seus filhos, experimente seguir algumas dicas básicas:

- Quando disser "não", faça-o de forma clara e incisiva. Do contrário, a criança não descansará enquanto não conseguir o que deseja.
- Explique as razões de sua ordem ou proibição. Dê exemplos de pessoas que sofreram conseqüências negativas devido a atitudes como a que você quer proibir.
- Seja coerente. Não permita hoje a atitude que proibiu ontem.
- Evite ceder à chantagem das lágrimas. Deixe a criança chorar até se cansar e perceber a inutilidade da cena.
- Não exagere nos castigos. Eles servem para mostrar a insatisfação dos pais com relação a um comportamento da criança, não para fazê-la sofrer intensamente.
- Deixe claro que a imposição do limite não significa falta de afeto. A criança precisa entender que está sendo punida ou proibida de fazer determinada coisa porque se excedeu e não porque os pais não a amam.
- Entre em acordo com o pai da criança — mesmo que estejam separados — sobre a maneira de impor os limites. É importante que um dos pais não desautorize o outro.

Pais inseguros, filhos autoritários

A facilidade com que essas crianças manipulam os pais é surpreendente. Na maioria dos casos, os sentimentos de culpa dos adultos estão na raiz do problema. Não são incomuns mães que procuram compensar a falta de tempo para os filhos realizando os seus mais prosaicos desejos. "Antes de parar de trabalhar, há um ano, tinha tão pouco tempo para Haira que acabava fazendo todas as suas vontades", reconhece Gilda Lario.

Espertas, as crianças aprendem logo a conseguir o que querem — e até, em alguns casos, o que não querem. Contrariadas, choram. Armadas de um fôlego interminável, tornam-se senhores a reinar no domínio do lar e fora dele.

Acuados, os adultos tornam-se inseguros. Durante anos entenderam o uso da autoridade como algo repreensível. Agora, por mais que ouçam psicólogos e pedagogos ressaltarem a importância da imposição de limites para a formação de adultos equilibrados, entram em crise toda vez que precisam ser severos com os filhos.

Quem fica com o papel de bruxa?

Mas o risco de manter as rédeas sempre soltas é grande. "O "não" é um importante organizador da personalidade", avisa o psiquiatra Haim Grüns-pun, de São Paulo. "As crianças precisam ser cerceadas em alguns momentos da vida para se tornarem adultos saudáveis." A culpa e a insegurança, no entanto, impedem muitos pais de assumir o imprescindível papel da bruxa malvada e desagradável. Todos querem ser fadas. E, dessa forma, o final da história pode ser ruim.

Por conhecer a fraqueza da mãe, Juliana se sentiu suficientemente poderosa para acreditar que poderia se livrar do namorado dela. "Eu me angustiava por tomar parte do tempo que dedicava a minha filha para ficar com outra pessoa", admite Ana.

A menina só não atingiu seu objetivo — separar Ana do namorado — porque a mãe percebeu a tempo a chantagem e definiu uma importante linha

demarcatória: "Eu a amo, mas isso não significa que ela possa me dominar", pensou. Juliana, por sua vez, não só superou aquela fase como tornou-se mais respeitadora dos direitos da mãe e mesmo de outras pessoas. "Se eu não tomasse a atitude de impor o limite, ela continuaria achando que era a dona do mundo e um dia poderia se dar mal", analisa.

Excesso de liberdade gera líderes ou aventureiros

Ana está certa, na opinião de Haim Grüns-pun. "Filhos criados por pais que abrem mão da autoridade podem ter uma vida adulta arriscada", diz ele. "Há chances de se tornarem grandes líderes, mas, na maioria das vezes, correm perigos desproporcionais e acabam vítimas de nossa cultura." Segundo o psiquiatra, não é raro se tornarem pessoas que gostam de fazer apostas, sofrem acidentes em corridas de carro ou vivem repetidas aventuras amorosas.

Até recentemente, algumas escolas, surgidas na esteira dos movimentos de liberação social da década de 60, adotavam um modelo de ensino mais tolerante e, com isso, reforça-



vam a falta de limites das crianças. Mas isso mudou, para felicidade dos pais mais aflitos.

“Atualmente até as escolas alternativas se conscientizaram do papel do limite na educação”, observa Lino de Macedo, professor do Departamento de Psicologia Escolar da Universidade de São Paulo (USP). Não que tenham adotado o autoritarismo puro e simples, mas enfrentam a necessidade de impor as regras com mais tranquilidade. “Muitas vezes, a criança precisa ultrapassar as fronteiras para conhecer as suas linhas demarcatórias”, diz o especialista. “E o aspecto pedagógico da transgressão deve ser aproveitado pelos educadores.”

A criança precisa saber que é amada

Ao dizer não, porém, é fundamental que tanto pais quanto professores esclareçam as razões de sua atitude e não deixem a criança confundir a falta de afeto. “Eu sei que você não quer tomar banho”, poderia dizer a mãe de Marcel. “Mas você se sujou nas brincadeiras e, se não lavar o corpo, pode ter coceiras. Como eu te amo, não quero que tenha coceiras, então, vamos tomar banho sim.” É muito provável que Marcel dê pouca atenção às palavras da mãe. Mesmo assim, elas são importantes e devem ser repetidas quantas vezes for necessário.

Até porque algumas crianças teimam em desafiar os limites impostos pelos pais com o único intuito de chamar sua atenção, e a percepção disso pode evitar o conflito. Há dias em que a arquiteta Márcia Frishmann, por exemplo, consegue levar a explosiva Mariana com facilidade para a cama: basta dizer que a ama tanto quanto ao irmão Daniel, de 2 anos. Não compreender um momento de carência como esse pode resultar num castigo desnecessário.

Entre chantagens, tapinhas e palmadas

Castigos. Aí está outra fonte de dúvidas de muitos pais. A insegurança sobre até onde levar a imposição dos limites deixa-os atrapalhados. Recentemente, a secretária paulista Liliana Bernardinelli, 30 anos, bateu no filho Bruno, 4, só porque ele não queria comer. “Não consigo encontrar o meio-termo entre a rigidez e a tolerância.”

Para Haim Grünsun, o castigo é

lhos é a mãe. De acordo com Haim Grünsun, os pais tendem a ser mais omissos e indulgentes por uma razão simples: dispendem menos tempo com as crianças. “Embora essa situação esteja mudando, pelo fato de as mulheres também trabalharem fora de casa, ainda vivemos um momento de transição, em que as transformações não foram devidamente assimiladas.”

Homens mais envolvidos na educação dos filhos, no entanto, também se atrapalham. O bancário paulista Wanderley Bernardinelli, marido de Liliana, sempre se flagra usando pesos e medidas diferentes nas relações com o filho Bruno, de 4 anos e a filha Lígia, de 1 ano. “Não sei falar grosso com ela, pois é como se fosse uma segunda namorada.” Com o filho, o tratamento é outro: “Os homens sempre receberam uma educação mais linha dura”, justifica.

Reizinhos do Brasil

De um modo geral, contudo, especialistas acreditam que os brasileiros tendem a ser indulgentes com os pequenos, sejam eles meninos ou meninas. “O adulto brasileiro parece constantemente preocupado com o prazer das suas crianças”, escreveu o psicanalista italiano radicado em Porto Alegre, Contardo Calligaris, em seu livro *Hello Brasil* (Editora Escuta, 1991). Ao

comparar a relação entre pais e filhos brasileiros e europeus, Calligaris se diz “assombrado” com as liberalidades correntes por aqui.

“A criança é rei”, afirma o psicanalista, antes de concluir com uma triste contradição: “Curioso, tanto mais num país cuja reputação no estrangeiro está comprometida com legiões de crianças abandonadas na rua”.



VIAJAR BARATO VIROU MODA.

VIAJAR Bem e BARATO
O SUPERGUIA DE VIAGENS ECONÔMICAS

30.000 DICAS DE 230 CIDADES
Atividade, lazer e transportes.

ONDE DORMIR
Hotéis, pousadas, albergues, campings.

ONDE COMER
Restaurantes, bares e lanchonetes.
Pague no local.

QUALIDADE
Editora Abril

Nas bancas

O Guia Viajar Bem e Barato traz mais de 30.000 dicas econômicas de viagens para você curtir o Brasil com pouco dinheiro. Pegue o seu e boa viagem.

um recurso que precisa ser usado com moderação. Na sua opinião, deve-se evitar palmadas, chineladas e tapinhas, pois a experiência mostra que não têm efeito educador. Uma pequena chantagem, do tipo “se não for dormir agora, amanhã não vê televisão”, no entanto, pode ter seus resultados.

Mães se envolvem mais

Quase sempre, quem se vê diante da dúvida sobre até que ponto ir na cobrança do respeito aos limites dos fi-

Wanda Nestleher

Colaborou: Lina de Albuquerque

PRODUÇÃO: LUI TEDE; CABELO E MAQUIAGEM: LÉILA LAGOS;
CENÁRIO: MARIA EUGENIA LONGO; FANTASIA: CASA TEATRAL TEMAGHI